



**ST16. INTERFACES ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA
50 ANOS DO GOLPE MILITAR DE 1964**

1039

**ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA, A PARTIR DA PERSPECTIVA DE DOIS
PROFESSORES DE HISTÓRIA (CAICÓ-RN)**

Ana Carla de M. Trindade¹

Resumo:² Este artigo é fruto de uma pesquisa que está sendo desenvolvida por meio do Programa de Iniciação à Docência na área de História. Temos como participantes colaboradores desta pesquisa duas professoras de História do Nível Médio que atuam no turno vespertino, juntamente com seus alunos, e a bolsista de Iniciação à Docência. Deste modo, buscamos entender como duas professoras de História do Nível Médio, uma do Centro Educacional José Augusto e a outra da Escola Estadual Professor Antônio Aladim de Araújo, enxergam a utilização da música como fonte histórica e recurso didático-metodológico inserida em suas aulas, enquanto mediadora da construção do conhecimento histórico. Para tal, nos apoiamos no modelo de pesquisa etnográfico-colaborativo de prática escolar, teremos como fontes as entrevistas feitas de forma oral com as docentes, os questionários socioeconômicos respondidos pelos educandos, bem como os PPPs (Projeto Político Pedagógico) de ambas as instituições e algumas questões respondidas pela direção e equipe pedagógica. Na ocasião objetivamos analisar os resultados da primeira e segunda etapa da investigação em lócus.

Palavra-chave: Professor/Pesquisador – Ensino de História – Música – Conhecimento Histórico.

INTRODUÇÃO

“(…) Então eu busco que eles compreendam que a história tem um significado, não são fatos soltos, tudo estar interligado, tudo faz parte de um contexto e que o passado não estar desassociado do presente”.

Prof.^a Joplin

“(…) Tem um sentido muito profundo, por que a história é vida, é você viver isso no dia-a-dia, tanto na sala de aula como a experiência que

¹ Licenciando (a) em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Iniciação à Docência – PIBID-HISTÓRIA-UFRN-CERES coordenado pela professora Dra. Jailma Maria de Lima.

² Trabalho orientado pela professora Dr. Jailma Maria de Lima

“você tem! Eu acho muito importante o aluno (...) se conscientizar disso.”

Prof.^a Nina

Os caminhos trilhados pela prática do ensino de História no país vivenciaram discussões e mudanças, que em certos momentos aproximavam-se dos debates acadêmicos e em outros afastaram-se, como nos coloca a pesquisadora Elza Nadai, 1992, em seu estudo sobre as “Trajetórias e perspectivas do ensino de História no Brasil”. Segundo esta pesquisadora, esse ponto de vista, que enxerga a História apenas de fatos e datas, é responsável pelo status que a disciplina pejorativamente ganhou de “decoreba” e “chata”. Observamos nas falas das professoras exposta na epígrafe do texto, uma preocupação em desconstruir essa visão de História voltada para o passado de fatos e datas e sem sentidos de orientação no tempo.

Segundo Maria Auxiliadora Schmid, a Didática da História por muito tempo do século XX foi relegada a função técnica, o que o afastava da ciência histórica. Porém, com a Nova História ou Virada Cultural, pós anos 1970, o que se entendia por História ganhou outros espaços e objetos (BURKE;2008). Refletindo na ampliação do Conceito de Cultura e na efetivação de diálogos interdisciplinares entre o campo Histórico e outras áreas do conhecimento, destacamos a relação História e Música realizada pelo historiador brasileiro Marcos Napolitano, segundo o mesmo, “a música popular brasileira tem um lugar sociogeográfico que seria tanto mais autêntica e legítima quando mais fiel a esse passado” (NAPOLITANO, 2003, p. 54). Continua [...] arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida [...], é um lugar privilegiado não apenas para ouvir a música, mas também para pensar a música (NAPOLITANO, 2003, p. 07).

Outro importante pesquisado é Joeri Duarte, o qual debruça-se a propósito da utilização da música nas aulas de História, esta colocada como mediadora da construção do Conhecimento histórico, seu estudo teve como lócus de investigação uma turma de 6ºano do fundamental, portanto, seguimos a linha Duarte quando este afirma que “é salutar a utilização da linguagem musical no ensino de história com o objetivo de fazer com que os alunos compreendam os motivos pelos quais as pessoas atuaram no passado de uma determinada forma e o que pensavam sobre a maneira como faziam” (DUARTE, 2011, p.13)

Assim sendo, a música, por si só, ocupa um espaço imaterial e material no universo cultural do qual fazemos parte. Seja fora ou dentro da Cultura escolar, presente em nosso cotidiano, reflete os sentimentos e as ideologias que nos permeiam servindo como mediadora de nossas emoções, que são traduzidas em seu universo complexo de sons, vozes e ritmos, transformando-se em trilhas sonoras das nossas histórias cotidianas, passadas e futuras. De forma voluntária ou involuntária, as canções recebem e são influenciadas pelo seu tempo, o que nos permitiu enquanto professor-pesquisador investigar junto com os alunos as entrelinhas das mesma.

É neste liminar que nossa pesquisa se firma, visto que objetivamos investigar como duas professoras e seus alunos de Nível Médio do turno vespertino, uma do Centro Educacional José Augusto e outra da Escola Estadual Prof. Antônio Aladim de Araújo, localizadas na cidade de Caicó no Rio Grande do Norte, enxergam a utilização

de músicas nas aulas de História enquanto recurso didático e/ou fonte que auxilia/media a construção do conhecimento Histórico. Acreditamos que ao se trabalhar a música na sala de aula, o professor estará oferecendo autonomia aos educandos, possibilitando aos mesmos ampliarem sua perspectiva sobre determinados conteúdos, levantando problemas e soluções, buscando analisar as “entrelinhas” das narrativas musicais, observando a existência de outras identidades, bem como questionando seu próprio pensamento, fazendo uma autorreflexão sobre o conhecimento adquirido, alargando sua consciência história, na medida em que eles utilizam-se da história ao se orientar-se no tempo presente, por meio de uma organização cronológica do passado.

Para tal, nos apoiamos no método de pesquisa colaborativa de prática escolar, que como se sabe, está situada no modelo de pesquisa-ação, “a importância da pesquisa na formação de professores acontece no movimento que compreende os docentes como sujeitos que podem construir conhecimento sobre o ensinar na reflexão crítica sobre sua atividade, na dimensão coletiva e contextualizada institucional e historicamente (PIMENTA, 2005,04)”. Nossa investigação em campo, foi dividida em fases, neste artigo³, nos debruçaremos na primeira fase da investigação.

Nesta etapa procuramos estabelecer um diagnóstico do lócus de investigação e seus agentes. Portanto, temos as gravações sonoras digitais como fontes primárias decorridas das entrevistas orais feitas com as docentes, estas foram guiadas por um roteiro pré-estabelecido e de forma individualizada, assim também, os questionários socioeconômicos preenchidos pelos educandos, os PPPs (Projetos Políticos Pedagógicos) de ambas as Instituições e algumas questões respondidas pela direção e equipe pedagógica, constitui-se como nossas fontes e materiais coletados, resultando na construção do diagnóstico do lócus de investigação, assim como nos olhares de professoras e alunos frente à música como mediadora do conhecimento histórico.

Após essa etapa, marcamos nossa primeira sessão reflexiva, para expor os dados levantados e discutir um artigo de Joeri Duarte “A Música e a construção do conhecimento Histórico em sala de aula”. Efetivamos um diálogo no qual trocássemos experiências, entendendo o professor não apenas como objeto de pesquisa, mais como colaborador.

Professores-colaboradores e o colaborador-pesquisador compartilham, por meio do diálogo, seus anseios, suas expectativas, suas dúvidas no objetivo de colaborar na construção de ideias e teorias que sirvam para embasar suas práxis de modo mais significado e próximo das múltiplas realidades em que se insere o processo de ensino-aprendizagem (CHACON, 2013 p.38).

No geral das duas Instituições, estão envolvidos 151 alunos do turno vespertino e duas professoras-supervisoras do PIBID-História-Ceres-Caicó e a Bolsista-pesquisadora do PIBID.

³ Lembramos que a visão das professoras acerca da música que será exposta nesta comunicação diz respeito à primeira fase da pesquisa realizada por meio de entrevistas individuais nos dias 21/05/2014 (Joplin) e 29/05/2014 (Nina) na sala dos professores das referidas Escolas.

PESQUISA EM CAMPO; I FASE

Dados acerca do Centro Educacional José Augusto⁴, a Professora Nina⁵ e seus alunos⁶.

Localizada no centro da cidade de Caicó-RN, possui uma ótima estrutura física, espaço arejado e certas adaptações para pessoas com necessidades especiais, dispendo de salas de vídeos, quadra de esporte, informática, biblioteca, banheiros organizados, refeitórios para os alunos e vigias. Foi fundado sobre decreto de lei nº 2.639, em 04 de abril de 1960, de nome Instituto de Educação, hoje Centro Educacional José Augusto, esta mudança aconteceu a partir de 1975. Sua estrutura movida pela arquitetura contemporânea dos anos 1950 impressionou a todos, com seu tamanho e diversidades de rampas. Formava-se do Jardim de infância ao magistério, tornando-se referência na região do Seridó.

Na conversa que tivemos com a Direção ficamos a par das dificuldades enfrentadas pelo Centro; a evasão escolar é diagnosticada como principal problema, principalmente no Ensino Médio à tarde, isto ficou comprovado nos dias que aplicamos os questionários, pois apenas cinquenta alunos responderam e com base na lista de frequência da professora, cerca de quatro a cinco alunos faltaram no dia (por turma), além do que, existe uma enorme dificuldade em atrair os alunos a permanecerem nas aulas de História. Até os anos 1990 e início de 2000 essa instituição foi referência na cidade, chegando a ter mais de 2.000 alunos matriculados. Atualmente 560 alunos estão registrados, divididos nos níveis Fundamental, Médio e EJA, nos turnos matutino, vespertino e noturno, recebendo em seu último IDEB a média 2.4.

Após levantarmos esses dados aconteceu nosso contato com a coordenação pedagógica; lá conhecemos um pouco do PPP⁷ (Projeto Político Pedagógico), e identificamos que este baseia-se nos referenciais legais e teóricos da Educação Nacional, como a LDB e PCNs, segundo suas orientações;

a equipe pedagógica deverá conduzir o corpo docente a planejar e ministrar aulas dinâmicas, dialogadas, com a participação ativa dos alunos. As atividades propostas aos alunos precisam ser significativas, de modo a fazê-los refletir sobre a realidade. (CEJA, 2013, p.38)

Especificamente na parte que diz respeito ao Ensino de História no Ensino Médio, as direções estão em um tópico denominado “Ensino de História e Geografia”. Acerca da história “organizar o tempo histórico e analisar livros didáticos, comparando e como é representada a relação homem/natureza” (CEJA, 2013, p. 46). Salientamos que nosso lócus de pesquisa é o turno vespertino e que todas as aulas de História deste nível são ministradas pela professora Nina; no horário existe apenas uma turma de cada série, 1º ano “c”, 2º “c” e 3º “c”.

⁴ Estes dados foram levantados no decorrer do primeiro semestre de 2013.

⁵ O pseudônimo de Nina, atribuído à professora do CEJA, é uma homenagem feita pela autora desta comunicação, a sua cantora preferida Nina Simone, grande ativista negra. O nome foi sugerido e explicado a docente, a mesma concordando.

⁶ Questionários socioeconômicos respondidos em Abril de 2014

⁷ Documento atualizado segundo a direção no ano de 2013.

Partindo para análise dos questionários respondidos pelos estudantes concluiu-se que 56% dos educandos pertencem à Zona Rural, 32% são da Zona Urbana e 12% deixaram em branco. A faixa etária dos alunos do 1º ano é de 14 à 17 anos, do 2º ano, 15 à 17 anos e do 3º ano giram em torno de 16 à 25 anos, quando questionados sobre seus gostos musicais:

Preferências musicais dos alunos (Tabela I)

FORRÓ:	30%
FUNK:	16%
MÚS.ROMÂNT:	12%
SWINGUEIRA	6%
ROCK:	10%
“ouvir de tudo” ou “escuto de tudo um pouco”	10%

Fazer esse levantamento foi crucial para o planejamento das possíveis aulas aplicada pela professora com auxílio da música, bem como refletir junto com a mesma acerca de seus próprios alunos⁸. Por meio de uma entrevista Oral semiestruturada, conhecemos um pouco sobre a trajetória acadêmica e profissional das professoras. Acerca da professora Nina, a mesma possui quarenta e oito anos de vida, sendo que a vinte e quatro exerce a docência na área de história nesta instituição e a vinte e dois anos, numa rede de ensino privado do município. Tem Licenciatura e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concluiu a licenciatura nos anos 80-90 é pós-graduada em História do Nordeste. Possuindo oito turmas na escola e quinze no geral, trabalhando os três turnos, dedica-se na atualidade apenas ao Nível Médio, afirmando ter entrado por acaso no curso de História. Ultimamente atua como supervisora do PIBID.

Da Escola Estadual Prof. Antônio Aladim⁹ a Professora Joplin¹⁰ e seus alunos¹¹

Situada no Bairro Boa Passagem, região periférica da cidade, foi fundada em 13 de março de 1978, disponibiliza os níveis de ensino: Fundamental, Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno.

⁸ Os gêneros exposto na tabela estão de acordo com a forma que foram classificados no questionário pelos educandos.

⁹ Estes dados foram levantados em Abril de 2014.

¹⁰ O pseudônimo de Joplin, atribuído à professora da EEAA, é uma homenagem feita pela autora desta comunicação à voz que é bastante presente em suas madrugadas de estudos Janis Joplin. O nome foi sugerido e explicado a docente, a mesma concordando.

¹¹ Questionários socioeconômicos respondidos em Abril de 2014.

Observamos na entrevista feita com a direção, que a Escola desenvolve atividades extracurriculares como: Ensino Médio Inovador, o Mais Educação, também se fazendo presente o PIBID. Sua estrutura física é de porte médio, sendo bastante procurada pelos pais. Na contemporaneidade, chega a possuir mais reconhecimento no município por qualidade de ensino do que o Centro Educacional José Augusto, apesar de ter vivenciado momentos de desorganização e precariedade no passado, hoje, segundo a direção, a Instituição superou esse período, o que refletiu nos números de alunos matriculados, que chega a: 1.136 e a média alcançada no exame do IDEB em 2011 foi 3.0, sendo a meta para 2013 de 3.5.

Com relação aos questionários 101 alunos preencheram, ao contrário dos alunos de Nina (CEJA) que mais da metade pertence a Zonal Rural, os da professora Joplin (EEAA) 85,14% moram na Zona Urbana, porém a maioria não reside perto da escola, precisando de meio de transporte para locomoção. Muitos possuem uma condição econômica diversa do bairro, uma vez que esse é periférico, justificamos isso com base no número de automóveis (carros, motos), eletrodomésticos e tecnologias (computadores, celulares, iPhones, tabletes, notebooks, dentre outros) apresentadas pelos mesmos. A faixa etária dos jovens do 1º ano é de 15 à 17 anos, do 2º, 15 à 18 anos, e já no terceiro 15 à 20 anos, tendo um aluno com 30 anos. Sobre suas preferências músicas, surgiu uma enorme categoria de gêneros:

Preferências músicas dos alunos (Tabela II)

ELETRONICA:	0,99%
FORRO:	4,95%
FUNK:	3,96%
MÚS.ROMANT:	9,90%
MPB:	17,82%
PAGODE:	4,95%
POP:	5,95%
REGGAE:	14,85%
ROCK:	14,85%
SEANEJO:	6,93%
SWINGUEIRA:	2,97%
JAZZ	0,99%

A diversidade de gostos músicas torna-se relevante, pois uma das principais preocupações é como o aluno vai reagir frente à música trabalhada em sala de aula, porém quando há um leque de opções torna-se mais fácil escolher as canções e a forma de trabalhá-las. Conforme Martins Ferreira em seu livro “Como usar a música na sala de aula”, ao problematizar a música “é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos

sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina” (FERREIRA, 2013, p.13).

Com a professora Joplin, também fizemos uma entrevista Oral, chegando aos seguintes dados: a mesma possui 45 anos de vida, 24 anos como professora, há 18 anos atuando na referida escola, e a 10 ministra somente aulas de História. Iniciou na docência por meio de uma formação em Magistério, concluída em 1988, e dedicou-se a história após concluir o curso em 2002, em 2003 especializou-se. Assim como a professora Nina, Joplin entrou por um acaso na História, tentou sair, mais não teve sucesso nos concursos que apostou, portanto resolveu continuar na profissão e espera ansiosa a aposentadoria, segundo a mesma, quer viver de sua arte (o cordel e teatro). Possui 10 turmas, trabalhando apenas nesta escola e com Ensino Médio, divididas em dois turnos, a própria ressalta que hoje só largaria o magistério pelo Cordel.

OLHARES ACERCA DAS MÚSICAS NAS AULAS DE HISTÓRIA: DIALOGANDO COM AS PROFESSORAS

O ensino de Músicas nas escolas de rede básica é lei no Brasil desde 18 de Agosto de 2008, ela alterou a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. As sensibilidades, a arte, emoção e as Histórias e estórias narradas nas entrelinhas das canções, tornam-se importantes recursos educativos e abraça inúmeras áreas do conhecimento.

Joeri Duarte trás diversas contribuições acerca da relação Ensino de História e Música, para o mesmo, “a consciência Histórica mediada pela linguagem musical revela uma forte carga efetiva, pois faz parte de uma memória pessoal e modelo de referência para apreensão e assimilação das novas audições” (p.06). Como sabemos, ouvir música na maioria das vezes é um momento de prazer, descontração, relaxamento, sem a pretensão de analisá-la, mas sentindo a emoção do momento e deixando-nos levar por ela. Contudo, Circe Bittencourt afirma que esse prazer/diversão, “ao entrar na sala de aula, se transforma em uma ação intelectual. Existe enorme diferença entre ouvir música e pensar a música” (BITTENCOURT, 2011, p.329).

É importante ressaltar que não estamos afirmando que não é possível fazer da aula um momento de prazer ao escutar a música enquanto fonte histórica e recurso didático-metodológico, pelo contrário, esse momento de prazer passa a ser acompanhado de uma discussão e construção do saber histórico que possibilita entender o conteúdo de forma diversificada. Mas frente a essa discussão, qual a visão das professoras? É possível, fazer/aplicar essa perspectiva metodológica em suas aulas? Pensando que cada realidade é única e complexa, como os alunos reagem a tudo isso?

Começamos pela visão dos alunos, nos questionários perguntamos o seguinte: É comum seus professores usarem músicas nas aulas? Dos alunos de Nina (CEJA), 18% afirmaram que sim, 36% não e 40% “às vezes”, 6% não responderam. Dos alunos de Joplin (EEAA), 39,69% responderam não, 41,58% sim e 25,74% “às vezes”, ressaltando que segundo os mesmos esse uso fica efetivado de forma mais ampla nas disciplinas de línguas estrangeiras. Seguimos com outras questões: Nas aulas de

História a professora utiliza-se de músicas? Quando utiliza, o que você acha? Acerca da primeira: 8% dos alunos da professora Nina alegaram que sim, 32% não e 44% “às vezes”, e apenas um alunos preencheu a segunda questão, com a frase: “*Eu gosto, por que as músicas ensinam algumas coisa e incentivam os alunos*”.

Dos educandos de Joplin, 12,87% asseguraram que sim, 67,32% não e 15,84% “às vezes”, na outra questão acerca do que eles acham quando Joplin usa músicas, escreveram:

“Legal, pois é um meio que faz os alunos entender mais o assunto.” “Bom, acho legal.” “Método bom de aprender.” “Adoro, pois é mais fácil de nos expressarmos.” “Muito bom, pois é uma forma de aprender relaxando.” “Eu gosto, pois fica um clima agradável e o entendimento se torna mais fácil.” “Ótimo, a música faz parte do aprendizado.” “Adoro, fica todo mais divertido e fácil.”

1046

Estes 67,32% que alegaram a não utilização de músicas pela a professora Joplin, condiz com o que a mesma assegura ao responder a seguinte questão: Em quais temas e conteúdos a senhora costuma utilizar-se da música como fonte histórica e/ou material didático? Quais músicas são mais usadas?

São: Cálice, Mulheres de Atenas (...). Eu não costumo muito utilizar a música, eu utilizo deixando-os à vontade para que façam paródias, mas digo sim, que a música é uma importante fonte Histórica, assim como filmes, fotografias, mas não fiz ainda um trabalho para usar puramente como fonte histórica, trabalhei com essas duas música, mas foi apenas casual, não costumo utilizar. (Entrevista com a Prof. colaboradora Joplin)

Joplin deixa claro, que não costuma empregar-se da música, porém em uma das suas falas afirmou:

“(...) você agora me alertou na música em si, acho que meu próximo trabalho será fazer um apanhado das músicas para usar como fonte, (...) para ver como eles encaram essa questão do trabalho com música. Por que até agora eu ainda não fiz de forma mais efetiva, a sua pesquisa já vai colaborar para eu fazer esse trabalho! Por mais que eu tivesse professores na universidade que incentivassem, a gente vem para sala de aula, falta tempo, e desmotiva para pesquisar tudo isso.” (Prof. Joplin).

Essa ação significou determinante, pois apesar de não trabalhar com a música, a docente se mostrou motivada para receber e colaborar com nossa pesquisa, se sentindo interessada e determinada em viver essa experiência. Acerca do mesmo tema, Nina, admiti que gosta bastante de usar a canção nas aulas e de diversas formas, mas principalmente como fonte histórica.

“Eu acho que é muito importante o uso da música, imagens, e até mesmo filmes, agora

assim, tudo tem como você trabalhar, não é você chegar com a música e jogar a música (...) depende muito de como você vai trabalhar”. (Prof. Nina).

Segundo a professora, as motivações dos alunos aumentam:

“Eu vejo como uma participação boa chega praticamente a ótima, (...) você não pode generalizar, você tem uma turma de trinta alunos, você sabe que não é todos que vão absorver aquela música, mas no geral se você for ver acaba sendo ótima”. (Prof. Nina)

Para Joplin a situação é mais difícil, existe uma desmotivação nos alunos que dificulta esse trabalho, segundo a mesma o educando tem preguiça de tentar raciocinar.

1047

“Eu diria que tem aquela certa estranheza, e a falta de leitura faz com que eles resistam, não querem interpretar, entender o que quer dizer, “Pai, afasta de mim esse cálice de vinho tinto de sangue” (...) alguns não estão acostumados a raciocinar a entender no entrelinhas, resistem e argumentam que não sabem (...)” (Prof. Joplin).

Continua:

“A gente percebe que logo de início por eles não estarem habituados, por muitos não escutarem esse tipo de música em casa, a primeira reação é de estranheza, em relação à música em sim, pois eles perguntam: professora isso é música de velório?! Então é preciso que se tenha todo um diálogo, converse com eles, explique a questão do tempo da música, por que ela foi utilizada, o que aquela música quer dizer, para que eles possam compreender”. (Prof. Joplin).

Essa reflexão da educadora é muito importante, já que ao situar o aluno no tempo da música, explicando as possíveis narrativas camufladas, ela possibilita aos estudantes reconstruir o passado de forma diferente, na qual eles possam se colocar como agente ativo desse processo, ampliando sua visão sobre determinados assuntos e momentos históricos. Acreditamos que conhecer o ponto de vista daqueles que fazem parte da pesquisa, colocando-os como colaboradores e agentes ativos desse processo e decisivo para desenvolvimento da investigação, pois conseguimos planejar e colaborar com possíveis modificações naquele espaço.

Seguimos indagando o seguinte: Quais as maiores dificuldades encontradas pela senhora ao se trabalhar a música nas aulas de história?

“A aceitação do estilo musical, por que eles não têm costume de ouvir isso, e a outra questão da preguiça de raciocínio por causa da preguiça de ler, de raciocinar, por que sabem que tem que ler, interpretar (...)” (Prof. Joplin).

“Olhe, o que eu acho, primeiro a falta de costume do aluno você tá entendendo?! Pois como ele não é acostumado há uma resistência (...) o desinteresse de alguns.”

(Prof. Nina).

Neste aspecto as professoras têm visões parecidas, o que nos guiou a buscar músicas que se aproximem da realidade dos educandos. Salientamos que nesta comunicação estamos discutindo os resultados da nossa primeira fase¹².

Por fim indagamos: Como a Senhora enxerga a música enquanto material didático e/ou fonte Histórica? Na visão a professora Joplin:

“(...) ela justamente por ser música, por ser arte, deveria ter uma aceitação maior, e ela se constitui de uma fonte importante da pesquisa por que vai tratar de um assunto, um acontecimento histórico de uma forma mais artísticas, é importante ver esse lado também, que o artista em dado momento se preocupou em escrever uma música, que ele se preocupou em escrever algo de forma diferente que o livro didático trás (...)” (Prof. Joplin).

1048

Nina diz que a música facilita a aprendizagem:

(...) abre para uma discussão maior, o aluno pode interagir muito mais, por que a partir da música ele tem como interagir com o assunto, (...) quando uma música é uma crítica ele tem condições de entender a crítica bem melhor, lógico que envolve muito mais, assim, não vai poder dar aula totalmente de música, mas ela soma, entendeu? Ela auxilia. Você não vai conseguir passar o conteúdo só com a música, mas no momento que você coloca a música ela vai somar, ela vai ajudar. (Entrevista com a Prof. Colaboradora Nina)

Com base nos resultados levantados no decorrer dessa comunicação, podemos apontar que a primeira etapa da investigação foi concluída com sucesso, sendo decisiva para o desenvolvimento da segunda, terceira e quarta etapa. Os depoimentos de todos os colaboradores foram essenciais para o planejamento e construções das etapas seguintes que apesar de estarem pré-planejadas, precisavam se enquadrar na realidade específica. Buscar compreender como a música pode modificar e contribuir para essas realidades é nossa meta.

Posteriormente, resolvemos marcar nossa primeira sessão reflexiva, na perspectiva de mostrar os resultados e dialogarmos sobre eles, assim como discutimos com as professoras os estudo de Joeri Duarte, “A Música e a construção do conhecimento Histórico em sala de aula”, esses momentos, são coletivos, fazendo parte a pesquisadora/bolsista, outros Bolsistas do PIBID e o Supervisor de cada Escola. Neste momento específico, sugerimos o texto e acompanhamos as discussões e reflexões com as professora Nina e Joplin, o que foi bastante significativo. Uma vez que dialogamos entre a teoria e a prática do fazer do professor, acerca de um determinado recurso e/ou fonte história. Acontecendo por sua vez, momentos de autorreflexão das professoras

¹² A segunda fase da nossa pesquisa foi fazer a discussão do texto “Música como mediadora do conhecimento Histórico” de Joeri Duarte e o levantamento de músicas para planejamento das aulas oficinas.

acerca de suas práticas. Esses momentos de reflexões entre supervisores e bolsistas faz parte da programação de atividades que o PIBID de História Ceres-Caicó, exerce no decorrer do semestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mais, entendemos que essa primeira etapa da pesquisa foi crucial para sistematização da segunda e demais fases, e que os dados levantados, nos possibilitaram ir além do diagnóstico; haja vista que entendemos minimamente, que as mudanças só poderão acontecer de forma dialética na qual os agentes colaboradores participem de forma ativa, entendendo-se como significativos e decisivos desse processo de transformação e (de) formação do espaço que fazem parte.

1049

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 3ed São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula.** 9.ed. –São Paulo: contexto, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?.** Tradução: Sergio Góes de Paula. 2ed.rev. e ampl.-RJ: Zahar, 2008.

CHACON, Diego Firmino. **Ensinar/aprender a gostar de História: saberes docentes e construção do conhecimento histórico escolar com professores de AREZ-RN.**

DUARTE, Milton Joeri Fernandes. **A Música e a construção do conhecimento Histórico em sala de aula.** 2011. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002

NADAI, Elza. “Trajetórias e perspectivas do ensino de História no Brasil”. Revista História, 1992. Acesso em: 13/03/2013 às 08:00hs

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: história cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aula de história. **Hist. R.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2012. Acesso em: 13/05/2013 às 15:00hs.